

Paralisados negócios com títulos da dívida

por Cecília Costa
do Rio

O mercado internacional de títulos de dívida do Brasil encontra-se paralisado nos últimos dias. Segundo informou ontem o representante de um banco estrangeiro com escritório no Rio de Janeiro, os bancos credores que vendem esses papéis acreditam que o preço possa melhorar, caso as negociações da dívida externa venham a se desenvolver bem, e os compradores estão apostando no aumento do deságio, que está por volta de 35%. "Logo", disse o executivo norte-americano, "não há negócios."

As operações de venda desses títulos, segundo explicou, são complicadas, não havendo ainda um mercado aberto desses papéis, onde os negócios sejam feitos por meio de rápidos contatos telefônicos. Trata-se, ainda, "de um mercado bem restrito, onde cada transação merece longa análise".

No caso de seu banco, por exemplo, normalmente é feita uma venda por mês. Bancos maiores, como o Citicorp, ele crê que façam uma venda ou compra por semana, nos períodos em que o mercado se encontra mais quente.

Sobre títulos de dívida da América Latina, disse ainda que a Argentina está com um deságio bem próximo do Brasil, por não ter fechado acordo com os banqueiros, e que o Chile é visto como o país mais atraente — apesar de ter uma economia mais frágil — por ter estimulado a conversão de dívida em capital de risco, facilitando o repasse dos títulos a empresas privadas.

A CONVERSÃO INTERESSA

Na opinião desse banqueiro, representante no Brasil de uma instituição

norte-americana com forte atuação no mercado internacional, o governo brasileiro também deveria permitir a venda dos títulos de dívida ou créditos contra o Brasil a empresas, para que essas realizassem a conversão em investimento.

Por enquanto, explicou, essa conversão só é permitida no que se refere a amortizações vencidas em 1986 quando é feita pelo próprio banco credor, não sendo autorizada a operação no caso da venda do título para outro banco ou empresa privada.

Caso essa legislação venha a ser alterada, permitiria que o banco credor e a empresa interessada se unissem em "joint-ventures".

BANCOS REGIONAIS

A respeito dos créditos comerciais e interbancários, o banqueiro comentou que caso os bancos regionais abandonassem o esquema, o que mais prejudicaria o Brasil não seria a perda de recursos.

Segundo seus cálculos, no máximo a contribuição dos bancos regionais dos EUA e alguns pequenos bancos europeus à renovação das linhas de curto prazo chega a US\$ 3 bilhões.